

Globalização

e o impacto sobre a fé

Globalização de ontem e de hoje

O termo globalização explodiu culturalmente bem recentemente. Mas a realidade é bem antiga. Ou se quisermos, há duas perspectivas básicas para entendê-la. Uma que lança as raízes no alvorecer da cultura da razão e da palavra e outra que se faz devedora da explosão da tecnologia da comunicação. **Duas compreensões de globalização.**

A origem situa-se, segundo a posição de K. Jaspers, no “desabrochar mais rico do ser humano” no **tempo eixo da história**, lá pelos anos 500 antes de Jesus Cristo, ou, de maneira mais ampla, o desenvolvimento espiritual aconteceu entre 800 e 200 anos antes de nossa era. Aí se configura a mais marcante cesura na história. Surgiu o homem com o qual vivemos ainda hoje. Denominamos essa época de “período axial”. Essa afirmação do filósofo alemão tornou-se lugar comum. Nesse momento da história, **três tendências fundamentais** se formaram. No **Extremo Oriente**, as figuras de Confúcio, Lao-tsé, Buda e outros criaram um caminho de perfeição humana. Se tivéssemos ficado preso a essa corrente, não teria despontado o anseio globalizante do ser humano. Foi na **Grécia** dos filósofos Parmênides, Heráclito, Platão que se forjou o logos. Deixando a particularidade do mito, entrou-se pelas avenidas abertas da razão universal, global. Está lançada a semente da globalização da mente que formará a cultura ocidental. E esta cultura gestou a atual globalização.

P. João Batista Libanio, sj

Soma-se ainda outra fonte globalizante. Nesta mesma época, no **Médio Oriente**, os profetas Elias, Isaías, Jeremias apelam para a Palavra transcendente de Deus¹. Sendo Palavra de Deus tinha que ter um cunho universal. Mesmo que no primeiro momento entendida como dirigida ao Povo de Israel, o profeta Isaías, sobretudo o chamado Terceiro Isaías, verá todos os povos convergindo para Jerusalém, como lemos na leitura da Festa da Epifania. “Levanta-se e resplandece, Jerusalém! As nações caminharão para a tua luz, e os reis, para o clarão da tua aurora” (Is 60, 1.3). E levando até o extremo essa mentalidade universal de dilatar-se pelo mundo, o final do evangelho de Marcos reflete a consciência da comunidade nascente, que recebe de Jesus o mandato: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15) e em Mateus a missão ainda é mais explícita, incluindo o ensino: “Ide, pois, de todas as nações fazei discípulos, batizando-os... ensinando-lhes a guardar tudo o que vos prescrevi” (Mt 28, 19). A essa visão universalizante da razão grega e da Palavra bíblica acrescenta-se o ímpeto conquistador dos romanos com mentalidade jurídica. A *pax romana* se estabeleceu sobre o mundo. Com clara vocação universal, o Cristianismo aproveitou-se das vias do Império Romano e em poucos séculos chegou até os confins da terra. Alguns Santos Padres julgavam que ele já tinha atingido todos os habitantes da Terra. Com as descobertas das Américas, os missionários propagaram ainda mais longe a presença da Igreja. Até pouco

tempo existia no Vaticano uma Congregação chamada “de propaganda fide” - da Propagação da fé. Hoje modificou o nome para Evangelização dos povos.

A consciência da expansão firmou-se sobretudo no Ocidente, onde o Cristianismo lançara mais fundo suas raízes. Tal visão expansionista ocidental não se criou sem influência cristã, embora historiadores da cultura atribuam importância maior a fatores científicos, comerciais, tecnológicos.

A história foi mostrando como o Ocidente tem introjetado dentro de si essa consciência globalizante. Configurou-se embalado por esses sonhos e desejos universalistas a mentalidade global do Ocidente. É a tendência à expansão de todo império político, econômico e cultural com os recursos próprios da época. O pequeno país, Portugal, aventurou-se pelos mares distantes, empreendendo grandes navegações, dando volta ao mundo. E atrás delas e com elas veio a ganância dos reinos. Portugal conquistou o Brasil, Espanha estendeu os braços pelas outras regiões das Américas. Essas conquistas, embora tenham tido um interesse econômico e político, expressam a consciência universal cristã. Dom João III escreveu ao primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza: “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa santa fé católica”. Comentando tal passagem, E. Hoornaert acrescenta: “O discurso acerca da evangelização era em

¹ K. Jaspers, op. cit., p. 9.

primeiro lugar *universalista*”². Em tudo isso, uniam-se o desejo expansionista dos reis e uma visão religiosa de conquista do mundo para Cristo.

X. Pichon pergunta-se porque o Meio e o Próximo Oriente que antes do século XV estavam muito mais avançados em ciências e técnicas não desenvolveram esse processo globalizante da industrialização. Até o século VI, todas as grandes invenções utilizadas na Europa Ocidental, como o cultivo de plantas e animais, a escritura, a metalurgia, roda, a cidade e o Estado centralizado, foram importados do Oriente. A resposta vai na linha cultural. O Ocidente ousou, arriscou, abriu-se ao novo, voltou-se para o futuro, sem medo da mudança, desejoso do progresso, enquanto a China explicitamente ficou fechada no seu universo, considerando sua organização ideal ou ao menos próxima do ideal. Não precisava mudar nem buscar um novo. Aí aparece a diferença de uma mente universalizante e uma regional³.

O que detinha a capacidade de globalização não vinha de dentro, mas dos limites dos meios materiais disponíveis. A força da correnteza existia. Não se tinham construído as turbinas. E quando a tecnologia no Ocidente atingiu alto grau de desenvolvimento, entramos na nova fase da globalização.

O mundo torna-se hoje uma “aldeia global”. Assiste-se ao fenômeno da “glo-

balização”, “planetização” ou “cosmificação”. “Historicamente novo e se torna decisivo pela primeira vez na história a respeito de nossa situação é a real unidade da humanidade na terra. O planeta tornou-se para o homem um todo único dominado pela tecnologia da comunicação; é menor que o Império Romano foi outrora” (K. Jaspers).

Nesse sentido de dilatação, a globalização atual não traz nenhuma novidade a não ser a maneira mais poderosa e eficiente de fazê-la. Depois da década de 50, assistimos ao fato de as Empresas Transnacionais invadirem o mundo com sua presença, vindas dos países centrais - Europa e América do Norte. Globalização chama-se imperialismo, transnacionalização econômica, ocidentalização.

A fase agressiva da globalização industrial se fez pelo acúmulo de capital que empresas transnacionais conseguiram depois do *boom* econômico no pós-guerra de 1945. Tinham tecnologia e capital. Estavam em busca de mais mercado. E iniciam um processo de conquista estendendo os tentáculos pelo mundo a fora, buscando onde produzir os bens de maneira mais barata e de onde podiam irradiar seus mercados. A América Latina conheceu tal processo, diferentemente nos países, na 2ª metade da década de 50 em diante. Era a segunda onda globalizante.

² E. Hoornaert, A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial, in E. Hoornaert et alii, História da Igreja no Brasil, v. II. Primeira época, Petrópolis, Vozes, 21079, p.24.

³ X. Le Pichon, Science et Christianisme, in R. Rémond, dir., Les grandes inventions du Christianisme, Paris, Bayard, 4ed. 1999, pp. 133-147.

Principiamos mais recentemente a “terceira onda” da globalização⁴. Há, porém, uma novidade nela. Esta acontece por obra e graça do alto desenvolvimento tecnológico das ciências da informação e comunicação, açulada pela microeletrônica, pela telefonia, pela ciência dos computadores. Estabeleceu-se uma rede que uniu a computação com a telefonia gerando essa maravilhosa Internet mundial.

As notícias, informações, comunicações, irradiações não se fazem já unicamente do centro para a periferia, como se fazia até então o processo de expansão globalizante. Posto sejam os países do centro do capitalismo que controlam em grande parte os meios de comunicação, já se tornou possível que a periferia, desde que esteja ligada à telefonia, faça chegar a todo mundo suas notícias, suas palavras, suas imagens. Uma tribo do Xingu dança pedindo chuva e eis que o gelado Canadá vê tal cena no vídeo de sua TV. Um grupo étnico negro perdido no continente do esquecimento lança um apelo de ajuda e eis que ele ecoa por todas as partes. Esta é a nova face da globalização. Tem duas mãos. Vai do centro para a periferia uniformizando e massificando as culturas e vem da periferia e de grupos étnicos esquecidos, firmando-lhes a identidade e questionando os colossos do Ocidente.

Dupla forma de expansão da fé cristã

A fé cristã, ao longo da história, fez duas experiências bem diferentes de difusão. Conheceu nos seus inícios verdadeira inculturação. Embora o nome não existisse, a realidade aconteceu. A fé cristã na nossa forma ocidental nasceu da inculturação do núcleo semita nas culturas grega e romana e mais tarde germânica.

Em relação a outras culturas, sobretudo às das Américas, a fé cristã expandiu-se pela via da conquista, da dominação, da imposição. Evidentemente não o fez sem uma dose de sincretismo. Gestou-se uma inculturação impropriamente dita, porque a cultura indígena foi dominada por uma cultura ocidental a cavalo da qual veio a fé cristã. L. Boff chama tal processo de inculcação, choque de cultura com destruição ou submetimento da cultura mais frágil, substituição de cultura⁵. Em vez de inculturação, houve transculturação que na verdade é uma aculturação forçada por violência física ou simbólica⁶.

A maioria do nosso povo vive numa simbiose de catolicismo luso com toques afro-indígenas. A globalização atual está a provocar nova forma de contacto da fé cristã com outras formas culturais e religiosas. É a novidade do problema.

⁴ A. Toffler, *A terceira onda*, Rio de Janeiro, 4Record, 1980.

⁵ L. Boff, *América Latina da conquista à nova evangelização*, São Paulo, Ática, 1992, pp. 21ss.

⁶ L. Boff, *Nova evangelização. Perspectiva dos oprimidos*, Petrópolis, Vozes, 1990, p. 24.

Duas perguntas em dois níveis

Diante de uma realidade social a fé se faz duas perguntas: que impacto causa essa realidade sobre ela? E, em seguida, como ela responde a tal questionamento, discernindo nessa realidade a face positiva - que acolhe - e a negativa - que intenta transformar.

É o círculo hermenêutico da fé. Embora não se faça sempre de maneira explícita e reflexa, esse procedimento pertence à própria maneira de crer na história. Aí está uma diferença radical da fé cristã em relação a outras religiões para as quais essas duas questões não têm relevância. A fé cristã é estruturalmente hermenêutica. Quer dizer que ela tem um dado tradicional, anterior ao encontro com a realidade cambiante que se reinterpreta num processo interminável. Cada vez surge um dado novo da fé, fruto de uma síntese entre o dado tradicional anterior e a realidade. A fé move-se para sempre novas sínteses diante de fatos novos a serem processados.

E tal processo efetiva-se em dois níveis. Num primeiro nível da compreensão e inteligência, a fé se reformula no seu conteúdo teórico. *Fides quaerens intellectum*. – A fé que busca inteligência - Tarefa que a teologia cumpre ao longo da história de modo próprio e específico. A fé tem também uma face de práxis. Esta necessita ser refeita toda vez que algum dado novo o exige. Nesse segundo nível da prática, a fé se pergunta como atuar diante da situação que se lhe apresenta. Em termos eclesiais, chamamos de *pastoral*.

A reflexão presente toma o dado da globalização e faz as duas perguntas no duplo nível. Que modificações na compreensão da fé e na ação pastoral o fato da globalização produz? Como a fé cristã discerne as valências positivas e negativas da globalização no nível da compreensão e da ação pastoral?

No nível da compreensão da fé

Impacto da globalização

A globalização provoca fortemente o fenômeno do sincretismo, do relativismo, do nivelamento religioso com sérias consequências teológicas. A globalização, como definimos, não é simplesmente o fluxo da cultura dominante e massificante, mas também o circular de todo exotismo cultural possível. E as diferentes religiões lançam no circuito da Internet suas expressões religiosas, freqüentemente como unidades soltas, descoladas do sistema religioso maior. Cada um capta-as como quer.

Uma primeira consequência é pensar a fé como arranjo de crenças segundo as necessidades imediatas e tópicas. O sujeito constitui-se como pólo de organização de sua própria fé, sem nenhuma vinculação eclesial. E quanto mais crescer a globalização, mais se acentuará tal tendência. Acontece uma privatização e individualização da religião. Th. Luckmann analisa tal fenômeno chamando-o de religião invisível⁷. Não no sentido de que

⁷ Th. Luckmann, *La religión invisible*. El problema de la religión en la sociedad moderna, Salamanca, Sígueme, 1973.

as formas religiosas atuais não sejam escandalosamente perceptíveis. Elas frequentam a mídia. Mas a religião institucional, que as deveria organizar, sistematizar e prescrever, perdeu forma, ficou invisível, enquanto o indivíduo cumpre tal função.

Esse processo coenvolve uma relativização da verdade de fé. Perde sua consistência anterior, vinda da Revelação. Todas as verdades religiosas são igualmente verdadeiras e toca a cada um escolher a que lhe mais responde as indagações. O lado objetivo da fé - *fides quae* - dilui-se na dimensão subjetiva - *fides qua*.

A globalização engendra o hábito seletivo em todos os campos. Com a pluralidade esfuziante de canais televisivos o espectador sente-se dono dos programas. Surfa de canal em canal. Transfere facilmente tal atitude para o campo da fé. Usa-se, embora imprópriamente, a expressão *supermercado da fé* onde o freguês escolhe a mercadoria desejada entre inúmeras ofertas. As religiões providenciam a oferta em suas estantes religiosas para que os fiéis escolham seus produtos.

Parecido com tal repercussão processa-se um nivelamento religioso. Todas as expressões religiosas são colocadas no mesmo prato da balança indiferenciadamente. O lado para o qual se inclina o fiel não é dado pelo objetivo, pela força da verdade e de sua fonte, mas pelo pôr da mão do fiel que tem suas preferências pelo produto religioso oferecido. Desloca-se nitidamente um interesse pelas expressões religiosas que fornecem um pequeno sentido, que seja, para a vida

humana em detrimento da verdade. Não se discutem verdades de fé, mas sentido para a vida que a fé pode oferecer.

Uma questão mais profunda agita hoje a teologia. O conhecimento do fato da presença simultânea de muitas tradições religiosas é propiciado pela globalização. Mas a realidade antecede e sobrepuja-se a este fenômeno. A humanidade teve ao longo de sua história grandes tradições religiosas. Mais acima nos referimos ao tempo axial em que surgiram o logos grego, a palavra revelada da Escritura e outras grandes tradições religiosas em lugares diferentes e sem mútuas interferências num mesmo arco de tempo. Portanto, problema que remonta ao milênio anterior a Cristo.

Hoje a pluralidade das grandes tradições religiosas chega a nossos olhos pela globalização. Levanta-se a aguda pergunta teológica: Como entender esse pluralismo religioso no único projeto salvífico de Deus? Algo puramente fático ou de direito? E então como pensar teologicamente o diálogo inter-religioso?

Resposta da fé

Diante dessas perguntas, a fé cristã reage. É desafiada a superar uma rigidez ortodoxa, que se fixava crispadamente na tradição e a não sucumbir sob a avalanche das mais exóticas crenças. Entre a tradição e o momento, entre a estrutura e o movimento, entre a objetividade anterior e a subjetividade presente jogam o futuro e a verdadeira natureza da fé cristã. A sua resposta será sempre novas sínteses que

garantam os dois pólos. Não pode trair a tradição, nem também engessá-la.

A posição católica comum, que julga o sincretismo numa luz extremamente negativa, necessita ser revista. O sincretismo não é sem mais uma adição de elementos sem integração, de maneira paralela. Nem mera acomodação a uma cultura dominante. Nem uma homogeneização religiosa, aplanando as diferenças ou simplesmente misturando os ingredientes religiosos. Nem uma tradução diferente de seus elementos em outra forma cultural. Implica uma refundição, verdadeira inculturação da fé numa cultura nova de modo que tanto a formulação da fé como a cultura saem diferentes do encontro⁸.

M. França de Miranda vê que o sincretismo pode ser parte ou etapa do processo de inculturação da fé. "As culturas (com seus respectivos núcleos religiosos) são grandezas porosas em contínuas transformações, assim a inculturação da fé significaria *um processo permanente* na vida da Igreja, dele participando também o sincretismo enquanto sua vertente religiosa"⁹.

A teologia responde à globalização repensando a fé cristã no paradigma do diálogo inter-religioso. A salvação pessoal fora da instituição visível da Igreja nunca foi real problema para a teologia católica de tal modo que foi condenado o teólogo americano Feeney que quis defender tal

radicalidade no século passado¹⁰. A questão põe-se sobre a realidade salvífica das religiões como tais, consideradas elas mesmas como mediações de salvação. Tema que vem sendo discutido amplamente na teologia.

Em termos bem simples e sintéticos, distinguem-se hoje normalmente três posições. Os exclusivistas que resolvem o problema, negando-lhe o pressuposto. Só a Igreja cristã é mediação de salvação. Todas as outras não. Os pluralistas partem para o oposto. Todas são igualmente salvíficas, negando ao cristianismo e a pessoa de Cristo qualquer precedência ou primado. Os inclusivistas, com muitos matizes diversos, estabelecem a incontornável mediação salvífica de Cristo da qual todas as outras religiões a seu modo participam. Em virtude da salvação universal e única de Cristo presente nas outras religiões, elas se tornam mediadoras da salvação. Não cabe aqui avançar os pontos positivos e as dificuldades de cada posição com suas conotações próprias.

A globalização cultural no campo religioso está a provocar um efeito oposto: o fundamentalismo e integristismo. Reagindo contra as ofertas plurais de fora e a certa acomodação das religiões por dentro, os fundamentalistas e integristas querem fazer valer a literalidade e integridade de sua fé. Se, de um lado, a globalização pasteuriza as religiões, de outro, provoca crises ortodoxas. Em termos culturais, aparece sob a forma da exacerbação da

⁸ L. Boff, Igreja, carisma e poder, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 145-171.

⁹ Inculturação da fé. Uma abordagem teológica, São Paulo, Loyola, 2001, p. 110.

¹⁰ Cf. DS 3866, 3873.

defesa das próprias etnias. No campo religioso, acontece algo semelhante com o rigor de marcar os limites da própria fé em relação a qualquer outra expressão.

No nível da prática da fé

Impacto da globalização

No nível da prática da fé, a globalização tem propiciado o fenômeno da migração contínua de uma religião para outra. Antes havia dificuldade de mudança de religião. Toda igreja sancionava gravemente o fato de abandoná-la. A palavra usada era “apostasia” da fé. Pecha pesadíssima que soava quase como condenação ao inferno.

Hoje a proximidade física de outras igrejas e sua chegada pela via da informação internetizada possibilitam que se migre mais facilmente de uma religião para a outra. Além disso a globalização cria a cultura de que tal processo pertence ao cotidiano em todos os campos. Diminuíram até quase acabar as pressões sociais que impediam tais passagens. Torna-se algo normal e natural pela força da cultura homogeneizante e nivelante da globalização.

A globalização causa também um efeito quase oposto. Gera um individualismo eletrônico, relações interpessoais virtuais, desagregando toda vida comunitária real. A fé cristã por natureza pede uma comunidade verdadeira de fé. Não basta uma simples participação eletrônica. Os sacramentos não se realizam dessa maneira. A substituição do real pelo

virtual tanto em nível pessoal quanto comunitário desafia fortemente a fé cristã, fundada no realismo do sacramento.

Tal individualismo é ainda mais acentuado pelas possibilidades de experiências religiosas que a globalização permite que as pessoas as façam na solidão de seu eu e a sós. Essas vivências começam e terminam no eu. Algo que contraria radicalmente a prática cristã que é comunitária e de serviço ao irmão.

Positivamente a globalização permite que em nível de informação religiosa o cristão tenha maior facilidade. Qualquer dúvida encontra nalgum *site* perdido uma resposta. Talvez a dificuldade venha de que surja uma pluralidade diversa de resposta tal que o fiel permaneça perplexo e a dúvida continue.

A fé cristã zela muito por sua identidade. A globalização põe-na continuamente em crise, apresentando tal pluralidade que estonteia. Há uma diferença necessária para construir-se a identidade. Há, porém, uma pluralidade de formas diferentes que acabam destruindo a identidade, ao ser provocada a fazer um périplo de experiências. Tanto mais séria é a tentação quanto mais se vive numa pós-modernidade sob o imperativo do experimentalismo e presentismo.

A globalização permite a criação de uma consciência planetária que serve para uma vivência eclesial da fé mais ampla. Mas também produz um sentimento de estranheza e solidão, ao ver-se alguém com expressões de fé tão diferentes e isoladas. Diminui a plausibilidade da

própria fé, como muito bem estudou o sociólogo americano Peter Berger, ao analisar as minorias cognitivas¹¹.

O que em termos de intelecção da fé se chamou sincretismo, isto acontece, em nível da prática, sob a forma da criação por parte dos indivíduos da própria religião. A fé cristã vê cercada por um arquipélago de outras igrejas e religiões, diminuindo a credibilidade e enfrentando outros pólos de atração.

Resposta da pastoral

Há uma resposta positiva da pastoral. Assume a globalização nas suas possibilidades e virtualidades e explora-as ao máximo para difusão, instrução e aprimoramento cognitivo da fé cristã. Há iniciativas originais como uma diocese virtual - Partênia - dirigida pelo bispo católico J. Gaillot desde janeiro de 1995¹². Tendo-se-lhe tirado a diocese real, ele criou um *site* na Internet que fiéis do mundo todo freqüentam e pelo qual criam laços eclesiais. Não falta também uma tentativa de internetizar a vida religiosa. Aí está a Congregação Notre Dame de l'Internet.

Abrem-se perspectivas de teleconferências, de cursos de teologia, de catequese e inúmeros outros pelas vias da telemática. Centros teológicos mais possantes aumentam assim sua presença no mundo. Livros, artigos de teologia circulam por diversos *sites*. A Revista Latino-americana

de Teologia não só disponibiliza seus artigos, mas muitos outros. É no campo da informação e comunicação de conhecimentos que a globalização mais positivamente colabora com a pastoral.

Permite também criar solidariedades internacionais para mobilizações mundiais. As possibilidades da globalização da telemática não estão nem de longe aproveitadas. Descerram-se diante de nós páginas ainda inéditas de iniciativas pastorais por via da globalização. Num mundo de tal carência espiritual e ética, está aí um meio de fazer crescer a consciência religiosa e ética da humanidade.

A informática e telemática têm possibilitado a criação de bancos de dados cujo acesso facilita o conhecimento por todos das obras, atividades, instituições religiosas do mundo inteiro.

Embora o realismo cristão não se contente com relações puramente virtuais, entretanto elas servem de início de relacionamentos reais, de projetos futuros concretos.

Globalização e a pobreza

Mais grave que uma uniformização cultural, a globalização tem exercido papel devastador sobre os países emergentes. Globaliza-se a produção dos bens industriais, do comércio e sobretudo do capital financeiro. A globalização da

¹¹ P. Berger, O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião, São Paulo, Paulinas, 1985; P. Berger, Um rumor de anjos, Petrópolis, Vozes, 1973.

¹² www.partenia.org/ilya.htm.

produção tem buscado os lugares onde se pagam os mais baixos salários para agigantar os lucros. Certos países e grupos humanos, colocados em tal situação de pobreza, acabam aceitando condições aviltantes de trabalho. A globalização do mercado tem destruído indústrias nacionais com aumento do desemprego. E finalmente a globalização financeira joga com o dinheiro, levantando e arruinando em horas até mesmo a economia de um país. E o medo de que isso aconteça tem paralisado economias emergentes.

Nesse campo toca à fé cristã fazer valer seu papel profético, denunciando a injustiça e anunciando a exigência ética da solidariedade. Os desafios da globalização apenas estão aparecendo. Resta-nos longa via para ir analisando-os e buscando-lhes respostas a partir da fé.

*C*onclusão

Essas notas ao pé de página ensejam ao leitor vislumbrar o imenso continente de problemas e de possibilidades que o fenômeno atual da globalização cultural oferece ao mundo da fé. Até agora a telemática tem servido principalmente aos fluxos econômicos, fazendo-os girar aos borbotões através de todo o mundo. O capital financeiro beneficia-se ao

máximo. Nada proíbe que a pastoral de uma Igreja universal de nome (católica) e de realidade, se torne presente em todos os rincões do mundo, lance mão eficiente e apostolicamente desse meio. Esperemos que quem viver, verá!

*B*ibliografia

- A. da Silva Moreira, org., *Sociedade global: cultura e religião*, Petrópolis, Vozes, 1998.
- A. P. Oro e C. A. Steil, *Globalização e religião*, Petrópolis, Vozes, 1997.
- M. A. de Oliveira, *Desafios éticos da globalização*, São Paulo, Paulinas, 2001.
- M. Arruda, *Neoliberalismo. Globalização e ajuste neoliberal: riscos e oportunidades*, in *Tempo e Presença* 17(1995), n. 284, p. 5-9.
- M. A. de Oliveira, *A globalização e a problemática do Terceiro Mundo*, in *Revista de Educação AEC* 25 (1996), n. 100, p. 46-68.
- O. Ianni, *A sociedade global*, Rio, Civilização Brasileira, 1992.
- O. Ianni, *A era do globalismo*, Rio, Civilização Brasileira, 2001.
- R. Robertson, *Globalização. Teoria social e cultural global*, Petrópolis, Vozes, 2000.
- R. Schreiter, *A nova catolicidade: a teologia entre o global e o local*, Loyola, São Paulo, 1998.